USP SOBE EM RANKING INTERNACIONAL DE REPUTAÇÃO

Victor Vieira – para o Jornal “O Estado de S. Paulo”: Caderno Metropole p.A19 de 17 de março de 2015

(Instituição saltou da faixa 81-90 em lista internacional; segundo Times Higher Education, ajuste metodológico favoreceu Universidade)

Apesar da crise financeira, a Universidade de São Paulo (USP) melhorou na edição 2015 do ranking de reputação acadêmica da revista Times Higher Education (THE), uma das principais referências no mundo em medição da qualidade do ensino superior. A lista foi divulgada nesta quarta-feira. A instituição, única brasileira no top 100, saltou do patamar 81-90 para a faixa 51-60 em relação a 2014.

Na lista, as universidades são mencionadas por posição até o 50.^o lugar e, depois, enquadradas em grupos de dez até o 100.^o. O ranking existe desde 2011, mas a USP apareceu pela primeira vez no ano seguinte. A elite de 2015, como nas edições anteriores, é formada por instituições dos Estados Unidos e do Reino Unido. O topo é da americana Universidade Harvard, seguida de Cambridge e Oxford, inglesas. A Universidade Autônoma do México, no patamar 71-80, é a única outra latino-americana da lista.

Para medir a reputação, o ranking considera pontos como participação em projetos internacionais ou atração de professores e alunos. Foram dadas 10.507 respostas de especialistas de 142 nações.

O reitor da USP, Marco Antonio Zago, disse acreditar que a crise não pesou nos rankings. "Se mantivermos controle rígido sobre os gastos, em especial com a folha de pagamento, não sofreremos perda de qualidade", afirmou. Para ele, o resultado é fruto de "conhecimento mais amplo da qualidade da produção científica da USP" e "maior trânsito internacional de pesquisadores e egressos da universidade".

Segundo Phil Baty, editor da THE, um ajuste metodológico ajudou no progresso da USP. Neste ano, os questionários foram distribuídos em mais línguas e participaram mais especialistas sul-americanos. "Também acredito que tem havido maior atenção global ao Brasil recentemente", diz. "E o Ciência sem Fronteiras certamente ajudou mais instituições a desenvolver laços com o Brasil e entender a força do País na educação superior".

Comentário: *Apesar das sérias dificuldades que a Universidade de São Paulo enfrenta no momento nos coloca numa situação paralela às condições socio-econômicas de nosso País. Ambas nosso compromisso com o otimismo permite afirmar que serão passageiras. No caso do Brasil por sua população, formada por pessoas, na grande maioria formada por trabalhadores dedicados à nossa evolução, baseada nas tradições das famílias; no caso da nossa Universidade maior, com 85 anos forjados na luta em prol da educação e na formação de técnicos de excelente qualidade, mantendo um corpo docente, na maioria vocacionado para a educação de jovens universitários e com indubitável capacidade de desenvolvimento tecnológico de nosso País. Apesar do comodismo dos jovens universitários e as dificuldades que encontram para*

desenvolver seus projetos, a tradição e o exemplo dos velhos mestres servirão de modelo para a completa volta por cima. E, com aguerrimento, em breve voltaremos ao desejado pleno desenvolvimento.

Para complementação, incluímos nesta msg as informações prestadas pelo Magnífico Reitor da USP ao jornal folha de São Paulo:

Informe da Reitoria - Artigo: "A USP é tudo isso?"

No dia 29 de março, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou o artigo “A USP é tudo isso?”, de autoria do reitor da Universidade, Marco Antonio Zago.

No artigo, o dirigente faz uma análise da posição alcançada pela USP no ranking de reputação das universidades, elaborado pela organização britânica Times Higher Education.

A seguir, leia a íntegra do artigo.

A USP É TUDO ISSO?

Pela quarta vez consecutiva, a Universidade de São Paulo foi reconhecida no *ranking* de reputação da organização britânica Times Higher Education – principal avaliação internacional de instituições de ensino superior – como uma das cem melhores universidades do mundo. Precisamente, a USP está entre as 60 primeiras.

Nessas classificações internacionais, concorremos com instituições que foram criadas há mais de 300 anos e que estão situadas em países com muito mais bagagem histórica em matéria de cultura e geração do conhecimento.

Sem essa tradição é, no mínimo, bastante improvável que uma universidade alcance a excelência. Ninguém faz uma instituição desse porte e com esse nível de reputação da noite para o dia. Causa surpresa, portanto, que uma universidade localizada abaixo da linha do Equador, como é o caso da USP, alcance uma posição de tanto destaque.

Para que o leitor tenha uma ideia aproximada do que representa essa conquista, vale registrar que Itália, Espanha e Portugal possuem muito mais tradição em pesquisa, cultura e inovação e, não obstante, nenhum desses países tem uma representante na lista das 100 melhores do mundo.

Não é só isso. Nenhuma universidade do mundo de cultura e língua latinas – abrangendo cerca de um bilhão de pessoas da Europa Ocidental, América Latina e Caribe – está em melhor posição que a USP. Há, porém, duas francesas na mesma posição (51ª a 61ª).

Somos a única universidade da América do Sul a registrar o nome no *ranking* da Times Higher Education por quatro anos seguidos.

É claro que isso alegra a todos. Uma instituição que tem 90 mil alunos, oferece 11 mil vagas no vestibular e forma 2.000 doutores a cada ano, situada a milhares de quilômetros dos grandes centros americanos e europeus, certamente precisa contar com muitas virtudes para chegar aonde chegou.

Mas, além do júbilo, que lição devemos tirar desse feito? Neste momento, devemos ter a maturidade de constatar que essa lição é a do trabalho, da autonomia universitária e do espírito público.

A USP se tornou o que é graças ao trabalho dedicado, qualificado e persistente de milhares de docentes, servidores e estudantes que procuram trilhar os caminhos do conhecimento em benefício da nossa gente e da humanidade.

O método com que trabalhamos não é menos determinante. Esse método ensina que o arrojo administrativo e a grandeza de propósitos não

AS MELHORES

● Harvard lidera lista, seguida por Cambridge e Oxford

UNIVERSIDADE	POSIÇÃO	PAÍS
Harvard	1	EUA
Cambridge	2	R. Unido
Oxford	3	R. Unido
MIT	4	EUA
Stanford	5	EUA
Berkeley	6	EUA
Princeton	7	EUA
Yale	8	EUA
Caltech	9	EUA
Columbia	10	EUA
Chicago	11	EUA
Tóquio	12	Japão
USP	51-60	Brasil
Un. Autônoma do México	71-80	México

devem ser postos, jamais, como princípios opostos aos da transparência, da impessoalidade e da economicidade. A autonomia é indispensável ao desenvolvimento da ciência e à natureza diversa de uma universidade pujante e livre.

Ao mesmo tempo, a responsabilidade no trato dos recursos públicos, que são recursos de todos os cidadãos, deve ser um imperativo prioritário.

São valores como esses que nos trouxeram até aqui. Deles, não podemos nos desviar. A USP é um patrimônio de São Paulo, instalada atualmente na capital paulista e em outras sete regiões do Estado: Piracicaba, Ribeirão Preto, São Carlos, Bauru, Pirassununga, Lorena e Santos. Acima disso, ela é um patrimônio do Brasil e, cada vez mais, vem sendo valorizada pelo mundo acadêmico em todos os continentes, acima das fronteiras nacionais.

Buscando o melhor do ensino, da pesquisa e da extensão de suas atividades, a comunidade da USP tem todos os motivos para se sentir gratificada, mas deve estar consciente de que quer mais – e será mais.

Podemos nos orgulhar do que já alcançamos, sem fugir ao dever de saber que temos tudo para ser ainda melhores.

Marco Antonio Zago, 68, é reitor da USP. Professor titular da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, foi pró-reitor de Pesquisa e presidente do CNPq – Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico.